

**Revisitando Artur Neiva:
Eugenia, Educação Física e Identidade Nacional**

Éder Silveira*

À Mozart Linhares da Silva, dedico.

Resumo: No presente artigo visar-se-á analisar alguns aspectos da repercussão da campanha pela popularização da prática esportiva no Brasil do início do Século XX, partindo-se da polêmica jornalística aberta pelo higienista Artur Neiva nas páginas do Jornal “O Estado de São Paulo”. Desde os artigos buscar-se-á perceber as conexões desta proposta de popularização do esporte com um campo de idéias vivo e multifacetado, no qual estavam envolvidas idéias sobre a identidade nacional e a “regeneração” ou “civilização” do povo brasileiro, assentadas em um paradigma racalista e cientificista.

Palavras-chave: Eugenia, educação física, Artur Neiva.

Résumé: Mon but avec cet article, est de analyser quelques aspects liés à popularisation da education

Mots-clés: Eugénie, education phisque, Artur Neiva.

I

O médico e escritor Artur Neiva é reconhecido como um dos principais baluartes do movimento higienista brasileiro, cujo ápice se deu nas primeiras décadas do Século XX. Seu nome figura em recentes pesquisas sobre o pensamento médico-social brasileiro, em geral lembrado por sua atuação junto a nomes como o de Monteiro Lobato, Renato Kehl e Belizário Pena, ao lado de quem integrou uma expedição científica ao norte e nordeste do Brasil, visando

* Mestrando em História do Brasil pela PUCRS com bolsa CAPES. edersilveira@terra.com.br ou silveira_eder@hotmail.com.

retratar o estado de coisas da terra e do povo destas regiões, que deveriam ser alvo, segundo eles, de uma urgente intervenção do Estado Brasileiro.¹

Neste breve artigo viso analisar a inserção de Artur Neiva em um debate que, mesmo correlato às suas preocupações como higienista, foi preterido ante sua atuação como sanitarista: sua posição em relação à popularização da prática esportiva no Brasil. Em uma série de seis artigos, publicados todos no jornal Estado de São Paulo sob o título "Do Esporte", Neiva colocou-se na condição de defensor da Educação Física no Brasil, da *gymnastica sueca*, por ele vista como fonte de melhoria da saúde dos jovens, das "raças vindouras". Ao invés de se tornar alvo de uma escrupulosa exegese, Neiva será o *leitmotiv* de uma busca: compreender tensões específicas deste contexto de idéias, as décadas de 1910 e 1920, enfocando dois pontos que centrais na investigação sobre a Eugenia no Brasil: a) enfatizar a forma através da qual Eugenia e Higiene se *hibridizam* no discurso intelectual brasileiro e; b) romper com algo que entendia como características cruciais da degeneração do povo brasileiro, a saber, a raça *entristecida e enfraquecida*, a falta de espírito prático e a estética da decadência bironiana que percebia entre os jovens de seu tempo².

II

Peter Gay, em uma de suas obras dedicadas a compreender o que batizou Era Vitoriana, concentrou-se nos nexos culturais da agressividade. Para ele, toda cultura, toda classe, toda a Era precisa produzir álibis capazes de justificar a agressividade, tornando-a compreensível e praticável. Assinala Gay que, no século XIX, os mais marcantes álibis criados, que interessam diretamente ao presente artigo, são relacionados às teorias biológicas formadas no século XIX: as idéias de concorrência ou disputa, que transbordaram para o campo literário e sociológico e as novas formulações sobre a diferença, responsáveis, ao seu ver, pela construção de um Outro conveniente.³

As teorias de Herbert Spencer e as simplificações da obra de Charles Darwin⁴ foram logo popularizadas em escala multitudinária, colocando assim as discussões, das mais simplistas às mais refinadas do ponto de vista intelectual, girando em torno da disputa pela preservação da espécie e da hereditariedade, tornadas pedra de toque do pensamento social oitocentista, com desdobramentos

¹ NEIVA, Artur e PENA, Belizário. *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiás*. Edição fac-similada. Brasília: Academia Brasileira de Letras, 1984.

² É claro que, neste último ponto, Neiva falava de um grupo relativamente específico, o dos jovens intelectuais boêmios, como a literatura do século XIX nos mostra.

³ GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Vol. 3. O Cultivo do Ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Ver especialmente o 2º capítulo, Álibis.

⁴ GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1999.

significativos no novecentos.⁵ A atenção dos médicos, filantropos e educadores volta-se para a infância, para a higiene das instituições⁶, para a responsabilidade no casamento bem como para toda a ordem de grupos considerados desviantes; loucos, criminosos e prostitutas. Passa a imperar a lógica de que, sendo a infância a primeira fase da vida, seria ela a definidora dos rumos que a vida do indivíduo tomaria. Objetivava-se uma criança saudável física e moralmente, uma vez que era nela depositada a responsabilidade da evolução da espécie.⁷

O ápice desta herança intelectual é alcançado com a Eugenia, a ciência da hereditariedade. Surgida no bojo das reflexões do médico, biólogo, matemático e um dos pais da moderna estatística Francis Galton⁸, a Eugenia seria a ciência da melhoria da raça humana. Para Galton e seus seguidores, todos os traços constitutivos da individualidade humana, suas potencialidades e seus desvios estavam depositados na hereditariedade. Galton, um típico cientista vitoriano, via com muita preocupação o avanço da miséria nas ruas da Inglaterra. Localizava nos casos de loucura e de “degeneração” o resultado da falta de atenção até então dada a problemática da hereditariedade. Estatístico, media as proporções de casos de “anormalidade” entre as populações miseráveis. Racionalista, acreditava que a marcha da miséria que assolava, ao seu ver, sua pátria e a Europa, poderia ser resolvida à luz da ciência. Todo o seu empreendimento científico estava assentado em duas sólidas bases: a hereditariedade e a estatística. Como sintetizou Stephen Jay Gould: “A quantificação era o Deus de Galton, e à sua direita estava a firme convicção de que quase tudo o que podia medir tinha um caráter hereditário”.⁹

Se, como visou demonstrar em obras como *Hereditary Gennius*, a genialidade e a degeneração eram duas faces da hereditariedade, cabia ao

⁵ Como afirma Peter Gay: “Polemistas extravagantes e muitas vezes inescrupulosos decidiram raptar as teorias biológicas de Darwin para usá-las em suas panacéias políticas, pois, afinal, elas vinham empoleiradas nos ombros do mais celebrado e mais controverso cientista que o século vitoriano produziu. A partir da década de 1880, eles passaram a ser conhecidos pelo título amplo e supersimplificado de “darwinistas sociais”. In: GAY, op. cit., p. 47. Para uma análise mais sistemática do pensamento de Darwin e do darwinismo, cf. ROSE, Michael. *O Espectro de Darwin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁶ Como percebeu Erwing Goffman e, posteriormente, Michel Foucault, as instituições exerceram papel fundamental na constituição de saberes e práticas de normalização e preceitos de higiene. GOFFMAN, Erwing. *Manicômios, Conventos e Prisões*. São Paulo: Perspectiva, 1997. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 21ª ed., 1999.

⁷ MACHADO, Roberto *et alii*. *Danação da Norma*. Medicina Social e Constituição da Psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 298.

⁸ Penso ser relevante frisar a trajetória, digamos, transdisciplinar de Francis Galton. Todas as contribuições de sua formação intelectual múltipla serão enlaçadas na formação da Eugenia. Como bem sintetiza Raquel Alvarez Peláez: “La eugenesia como teoría social general, finalidad última de su trabajo; la herencia como mecanismo esencial en el que se sustentaba la eugenesia; la antropología como proveedora del material que servía para estudiar herencia y eugenesia; la estadística como técnica y método general utilizado en todos sus trabajos”. PELÁEZ, Raquel Alvarez. Prólogo. In: GALTON, Francis. *Herencia e Eugenesia*. Madri: Alianza Editorial, 1988, p. 29.

⁹ GOULD, Stephen Jay. Op. cit., p. 68.

Estado intervir, sob a orientação dos cientistas, estimulando a união entre pessoas “normais”, bem como determinar os grupos de pessoas “anormais” para que fosse possível impedir a sua união. Restrições ao casamento entre pessoas com algum tipo de traço de “anormalidade” que pudesse prejudicar a hereditariedade, como alcoolismo, doenças sexualmente transmissíveis, loucura, cocainismo, taras, degenerações físicas, traços atávicos, constatados através de procedimentos como a medição craniométrica; uma vasta lista de traços/estigmas¹⁰ que, para usar uma expressão bem ao sabor da “Nuova Scola” de Cesare Lombroso, sugerissem propensão nata ao crime e a doença, eram os alvos da Eugenia. Como medida para impedir a multiplicação de “degenerados” Francis Galton e seus seguidores propunham, entre outras medidas, a esterilização em massa.

Rapidamente a Eugenia conquistou partidários entre os médicos, literatos e filantropos de sua época. A primeira Sociedade Eugênica é fundada na Inglaterra, presidida por seu criador, Francis Galton, cujas teorias são difundidas por suas obras, bem como através da publicação de revistas da Sociedade. São organizados debates internacionais visando difundir a Eugenia por todos os países da Europa e nos EUA, objetivo plenamente alcançado, tendo em vista a rápida penetração das idéias eugênicas em diversos países. Como demonstra Lilia Moritz Schwarcz, as leis de esterilização eugênica começaram a aparecer já ao final da década de 1910, nos EUA (1918), logo espalhando-se na Europa, no Cantão de Vaud, na Suíça, em 1928, na Dinamarca, em 1929.¹¹

A intelectualidade brasileira acompanhou este debate com grande proximidade. A composição étnica do Brasil e seu então propalado atraso civilizacional exigiam uma resposta de sua *intelligentsia*. As primeiras manifestações mais concretas da posição da intelectualidade nacional no que tange a Eugenia foram dadas, a primeira no ano de 1914, quando Alexandre Tepedino defendeu tese na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro versando sobre a eugenia. A Segunda, no ano de 1917, com a fundação da Liga de Saneamento Nacional, sociedade higienista/eugenista em que figuravam os nomes de expoentes como Monteiro Lobato¹², Renato Kehl¹³, que viria a se tornar o maior divulgador da Eugenia no Brasil, Artur Neiva, Afrânio Peixoto, Belizário Pena, entre outros.

¹⁰ Neste sentido, ver: CARRARA, Sérgio. A ‘Ciência e Doutrina da Identificação no Brasil’ ou Do Controle do Eu no Tempo da Técnica. Rio de Janeiro: *Boletim do Museu Nacional*, nº 50, 10 de dezembro de 1984.

¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 234.

¹² A primeira manifestação da adesão de Monteiro Lobato ao higienismo/eugenismo se deu com a publicação da sua obra *O Problema Vital*, prefaciada por Renato Kehl.

¹³ Logo Renato Kehl tornou-se o maior expoente do pensamento eugenista brasileiro. Foi autor de obra portentosa sobre o tema, somando mais de vinte volumes publicados bem como de um número incontável de conferências e artigos jornalísticos. Para uma compreensão mais detalhada da fundamentação biológica do pensamento de Renato Kehl, ver: CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. “Apontamentos Historiográficos Sobre a Fundamentação Biológica da Eugenia”. *Revista Episteme*. V. 3, Nº 5, p. 23-48. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

Salientei o papel aglutinador da Liga de Saneamento Nacional, ainda que esta seja uma sociedade de higienistas, pois penso ser necessário fazer uma distinção neste ponto, compreendendo as nuances das fronteiras entre Eugenia e Higiene. A Eugenia se difundiu no Brasil com características singulares quando comparada em seu desenvolvimento à países Europeus ou mesmo na América do Norte.¹⁴ No Brasil a Eugenia e a Higiene formaram, como logrou demonstrar o trabalho de Tânia Regina de Luca, um binômio indissolúvel. A atuação destes ‘missionários’, higienistas e eugenistas, se dava atacando o problema do homem brasileiro em sua hereditariedade, vista como problemática devido ao estigma da mestiçagem; e seu meio, considerado por eles hostil e impermeável à civilização. Relação de idéias que pode ser pensada desde os laços de amizade de dois intelectuais representativos desta época: Renato Kehl, o médico eugenista e Monteiro Lobato, o literato partidário da higienização, criador do inesquecível Jeca Tatu. Suas relações de amizade e fundamentalmente suas relações de troca intelectual e de partilha de crenças são marcantes, quase como metáfora de uma época e de uma efervescência de idéias. Percebidos juntos, tornam visível uma teia de relações intelectuais e de crenças que em muito extrapola o âmbito deste breve ensaio, mas que se mostra como uma porta de entrada possível e provocativa para compreender-se a configuração das idéias que moviam estes homens de ação e de ciência.¹⁵

Esta, por assim dizer, peculiaridade do tratamento dado pela intelectualidade brasileira ao tema higiene/eugenia pode dar margem para a idéia de que seja isto a confirmação de uma inferioridade intelectual brasileira, que compreende mal as teorias estrangeiras e as aplica de forma canhestra. Por outro lado, essa relativização entre os conceitos e as formas de intervenção dos médicos, educadores e filantropos dá conta exatamente da tensão existente entre os diagnósticos que circulavam na época sobre o “atraso brasileiro”, em uma discussão que transborda por todos os campos de saber.¹⁶

III

¹⁴ Como frisa Lília Moritz Schwarcz neste ponto: Mais uma vez, o que se percebe não é a cópia imediata dos modelos disponíveis no estrangeiro, mas um uso original. As práticas eugênicas, em vez de levarem à condenação imediata do cruzamento, previam saídas, ao menos para parte da população. Autoritários, como o momento que então se anunciava, os projetos eugênicos retiravam dos médicos baianos a má consciência de diagnosticar a falência irrevogável da nação. In: SCHWARCZ, Lília Moritz. Op. cit. p. 217.

¹⁵ As relações intelectuais e pessoais estabelecidas entre ambos está esboçada, de forma breve e precisa em: LUCA, Tânia Regina de. *Revista do Brasil*. Um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Unesp, 1997. Cf. também o prefácio de Renato Kehl em: LOBATO, Monteiro. *O Problema Vital*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1918. No sentido inverso, ver o prefácio de Monteiro Lobato em: KEHL, Renato. *Bio-perspectivas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1939.

¹⁶ O ensaio de André Luís Masiero, *A chegada do cinema ao Brasil: Higiene mental, educação e censura*. (1.897 – 1.957), in: SILVA, Mozart Linhares da (org) *História, Medicina e Sociedade no Brasil*. Santa Cruz do Sul: Edunisc (no prelo), oferece um exemplo desta invasão das preocupações de eugenistas e higienistas por campos os mais diversos, discutindo suas análises do papel do cinema como alvo da Higiene Mental.

A reflexão sobre a Eugenia no Brasil, como visei demonstrar acima, está posta diante de uma miríade de possibilidades. Contudo, a análise que segue se detém mais especificamente no posicionamento de Artur Neiva neste contexto de idéias, frisando sua crença na Educação Física como um fator eugênico. *Mens sana in corpore sano*, pensados como o caminho para a construção da identidade nacional sobre novas bases humanas. Na série de artigos de Artur Neiva, intitulada *Do Esporte*, são discutidos, fundamentalmente, três fatores: como o brasileiro era, ou seja, os “vícios” que via como um óbice ao desenvolvimento da nação; as medidas, ao seu ver até o momento muito timidamente aplicadas, que deveriam ser levadas a cabo para que este brasileiro “saneado”, tornado uma “raça vigorosa” e o brasileiro por ele idealizado a partir de uma plataforma racialista.¹⁷

A estratégia retórica por ele adotada constitui-se em apresentar casos que considerava exemplares: na Argentina, afirmava ser possível perceber o empenho das autoridades em fazer com que as crianças em idade escolar desenvolvessem o gosto pelo esporte e, assim, crescessem saudáveis.¹⁸ Na Inglaterra, buscava o exemplo da legislação, que percebeu estar aberta à ciência que demonstrava a necessidade de desenvolver a prática esportiva, sem contar o fato de ser uma nação que desde sempre esteve preocupada com o desenvolvimento forte e saudável de seu povo¹⁹. Em suas palavras:

A Inglaterra, que domina o mundo, fal-o em consequencia de suas leis sábias, liberaes, e cheias de espírito pratico. Esta projecção intellectual de finura, clarividencia e equilibrio é o resultado tão somente da robustez do corpo; é o fruto do esporte desenvolvendo o envolvero que encerra este ‘quid’ indefinivel que denominamos alma.²⁰

Além das considerações de Neiva sobre a importância do esporte como fonte de uma saúde perfeita, salta aos olhos sua menção ao espírito prático. É, como perceberam Gilberto Hochman e Nísia Trindade Lima, uma crítica recorrente à um segmento da intelectualidade do Século XIX, desde os membros dos movimentos sanitaristas: o bacharelismo extremo, o saber de pacotilha, de intelectualidade de confeitaria; críticas que se mostram como mais um ponto de ruptura com o século XIX por parte destes intelectuais das primeiras décadas do

¹⁷ Todos os artigos, publicados originalmente no jornal Estado de São Paulo, estão disponíveis em: NEIVA, Arthur. *Daqui e de longe*. Chonicas nacionaes e de viagem. São Paulo: Com. Melhoramentos de S. Paulo, s/d. Doravante citado somente como DL.

¹⁸ Para um estudo recente sobre a introdução da Educação Física na Argentina e suas implicações Eugênicas/Higienicas, cf. SCHARAGRODSKY, Pablo Ariel. “Cuerpo, Género y Poder en la escuela: el caso de la Educación Física Escolar Argentina (1880-1930)”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXVII, n. 2, p. 121-151, dez. 2001. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

¹⁹ Não se deve perder de vista o papel ocupado pela Inglaterra como centro difusor das principais teorias evolucionistas do século XIX, sendo ela a pátria de Herbert Spencer, Charles Darwin e do criador da Eugenia, Francis Galton. Para maiores informações sobre o papel da Inglaterra neste contexto, ver GAY, Peter. op. cit.

²⁰ DL, p. 66.

Século XX.²¹ Aos que posicionavam-se contra o esporte, contra este novo culto que se iniciava, para usar uma expressão de Gilles Deleuze²², esta ‘gorda saúde dominante’ Neiva avisava: alma, sensibilidade, *finesse*, só poderiam ser expressões de um espírito que viesse emoldurado por uma estrutura física compacta, saudável, robusta.

Subjaz ao que Neiva propõe a compreensão de que deveria existir uma unidade corpo-espírito que tornasse o povo superior, um ideal helênico, onde estivessem dentro de uma mesma estrutura o espírito, mas não o espírito bacharelesco; o espírito prático, de idéias mais pragmáticas e de força física. Exemplifica o que propõe ao afirmar:

Quando a raça é forte, musculosa, de peito largo e ombros quadrados, como os latagões portugueses, o Rei pode ser moço e fugir, como o fez D. Manuel; mas o povo luta, bate-se, morre; acima das fraquezas humanas e que formam o que chamamos opiniões, idéas, princípios.²³

Em uma elucidativa “coincidência”, é possível observar que, pouco mais de duas décadas antes dele, Adolfo Caminha utilizava quase os mesmos adjetivos para qualificar como bárbaro um marinheiro, o Bom Crioulo, em seu romance homônimo. Nesta obra, descrever Amaro como “um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada²⁴ Caminha realça como traços de uma hereditariedade bárbara o que Neiva vê como o resultado de uma disciplina física. Receitava aos jovens brasileiros a disciplina com o corpo para que em seus corpos exalasses a saúde e o vigor físico.

A estética do oitocentos, especialmente em países como o Brasil, de cultura católica e forte herança colonial, desprezava o trabalho orgânico e a força física, como a referência de Adolfo Caminha torna visível, vistos como qualidades mais próprias aos escravos e pessoas de classes sociais baixas, principalmente de grupos afro-descendentes. Entre os intelectuais; poetas, jornalistas e bacharéis, a estética européia de ares mais românticos, da *décadance*, do boêmia, era a marca.²⁵ Uma sociedade, como ironizava Gilberto Freyre, em que os homens em torno dos vinte anos tinham já a aparência de velhos, consumidos pelos excessos

²¹ HOCMAN, Gilberto e LIMA, Nísia Trindade. “Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998, p. 23-40.

²² DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. São Paulo: 34, p.14.

²³ DL, p. 66.

²⁴ CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: Ática, 1998, p. 15.

²⁵ Cf. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 38ª ed., 1994, p. 94. O autor menciona as influências mais evidentes da corrente romântica brasileira, mencionando as relações dos jovens literatos boêmios com o *spleen*, de Byron e com o *mal du siècle*, de Musset, entre outras, vendo-as, todavia, como o mero macaqueio dos escritores nacionais destes ideais românticos, ao seu ver, descolados da realidade da então recém ex-colônia com a literatura do velho mundo.

da noite e pela vida sedentária.²⁶ Ou seja, visto desta forma, o ideal eugenico-higiênico expresso por essa crença nas possibilidades abertas pelo culto ao corpo e a saúde atacava não só o jeca interiorano, mas também a intelectualidade boêmia, com sua vida desregrada.

IV

O amplo espectro de atuação da idéia de purificação é importante alerta contra a idéia de que a Eugenia se trata de um tema de fácil solução. É mister salientar que a centralidade das preocupações com a hereditariedade provinha de orientações quanto ao “remédio” para os “males da raça”. Vários autores que se aliaram ao Eugenismo/Higienismo visaram demonstrar a importância do cultivo da infância, ligado não só à educação física mas também à discussão sobre o controle de natalidade. Amadeu Amaral, de forma taxativa e direta afirmava, em 1922, na *Revista do Brasil*, em um ensaio intitulado “Cuidar da Infância!”, que a construção de instituições como hospícios, penitenciárias e asilos, criadas pelo “gênio humano”, “visando corrigir as falhas e os aleijões dos corpos e das almas” eram um erro. Amaral afirmava que o problema, de fato, era “que de tudo se tem cuidado, menos de purificar as fontes... A água que de lá vem já vem contaminada, e mais gravemente se contamina depois. Cuidemos das fontes! Cuidemos da criança!”²⁷

A preocupação de Amadeu Amaral era a mesma de Artur Neiva: a hereditariedade. Viam, porém, de forma diferente, suas implicações. Amaral propunha que se atacasse o problema com restrições ao casamento, tratamento Eugênico adequado às “fontes” que deveria garantir que as crianças não nasceriam degeneradas pela sua ascendência. Para Neiva, o exercício físico era a melhor fonte para a melhoria das “matrizes” e assim da “raça”. Acreditava na adaptação e melhoria progressiva. Para Amadeu Amaral, uma vez nascida degenerada, nada mais poderia ser feito pela criança, apenas torcer para que o inferno que ela carregava dentro de si não se manifestasse. Suas palavras não deixam dúvidas quanto ao que pensava sobre as chances que o futuro reservava ao fruto de “más fontes”:

Vem uma dessas criaturinhas ao mundo já com todo um inferno potencializado dentro do seu corpinho minúsculo e tenro. Bole ahí dentro, ansiando por sair, toda uma sementeira de atrocidades: cegueira, surdez, chagas, ataques, paralyisia, allucinações, angustias, vícios, maldades, todos os legados organicos do pae avariado ou alcoolatra, da mãe nevropatha ou tuberculosa. E o desgraçadinho vive, muitas vezes, como se fosse perfeito: nenhuma prevenção, nenhum cuidado, nenhum zelo especial, nenhum corretivo oportuno. E cresce, e arrasta a sua tragédia lancinante, e deixa descendentes que continuem a desenrolar a cadeia infundavel dos condemnados sem culpa! E continuam a altear-se de mais a mais os muros das prisões, assumem vulto de cidades os manicômios, mais se reproduzem as enfermarias, mais longas e mais barulhentas se tornam as alfurjas do vicio

²⁶ Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados & Mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, 2v.

²⁷ AMARAL, Amadeu. Cuidar da Infância! In: *Revista do Brasil*, São Paulo, nº 62, 1921, p. 138.

em pleno coração das cidades, e essas gehenas refervem de angustias, de desesperos, de lentas agonias.²⁸

Eis esboçado o credo mais profundo dos Eugenistas: a culpa da sociedade pelo crescimento da barbárie, da loucura, do crime. Esta culpa, todavia, não repousava na ganância ou nas desigualdades sociais; residia no pouco caso com que até agora tratou-se da problemática da hereditariedade. Precisávamos, segundo Amadeu Amaral, cuidar das fontes. Em outras palavras, propunha que o mal fosse atacado em sua raiz, pois, ao falar na necessidade de purificação das fontes, usava um eufemismo para esterilização de indivíduos marcados pelo estigma da degeneração.

Em Neiva, todavia, pode-se perceber uma proposta menos radical e mais eclética. Acreditava no esporte como fator eugênico na mesma medida em que apelava, em seu trabalho como médico sanitarista, ao governo brasileiro que olhasse com maior atenção ao povo dos sertões do Brasil, abandonado por uma República que esquecia seus cidadãos.²⁹ Parafraseando Monteiro Lobato, para Amadeu Amaral, assim como uma grande parcela dos eugenistas e higienistas da época, a parcela estigmatizada da população é degenerada; para Neiva, como voz escolhida para representar outra parcela destes homens de idéias, **está** degenerada, porém, nele reside a crença na mutabilidade através da recuperação física destas pessoas, tendo no esporte sua melhor via de transformação.

Este ideal, esta crença no esporte como um das formas de “limpar o sangue” do povo brasileiro teve forte repercussão entre os meios intelectuais de sua época. Fernando de Azevedo, no ano de 1922, publicou obra saudada por Artur Neiva sobre a Educação Física. Trata pormenorizadamente das implicações da ginástica na geração de uma raça melhorada através do controle médico e social, atendo-se com especial zelo à mãe, cuja saúde perfeita deveria assegurar uma gestação e uma descendência plenamente saudável.³⁰ Para Azevedo:

²⁸ Ibidem, p. 140-1.

²⁹ Gilberto Hochman e Nísia Trindade Lima assinalam as ambigüidades do discurso de parte dos higienistas brasileiros, que pode ser sintetizada pela frase que serve como divisor de águas, cunhada por Monteiro Lobato: “O Jeca não é assim, o Jeca está assim.” Ou seja, acreditavam na reversibilidade dos problemas sociais e de saúde do povo brasileiro, especialmente das áreas rurais, ainda que preservassem em seu discurso compreensões de conceitos como raça e cultura ligados a eugenistas mais ‘radicais’ como, por exemplo, Renato Kehl. Ver: HOCHMAN, Gilberto e LIMA, Nísia Trindade. “Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República” In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura dos. Op cit., p. 23-40

³⁰ Para Fernando de Azevedo, *A ciência galtoniana, que tem por objeto o estudo dos fatores que, sob o controle social, podem melhorar física e mentalmente as qualidades raciais, concorre eficazmente, com processos enérgicos e sistemáticos, à reforma higiênica e plástica, na luta não só contra as deformações anatômicas, viciosas atitudes físicas e enfermidades que delas resultam, como também contra as irregularidades das funções estáticas e mecânicas, de maneira a conquistar, pela beleza morfológica das partes do corpo e pelo seu funcionamento perfeito, o sonho elísio de tôdas as graças da forma e do movimento.* AZEVEDO, Fernando de. *A Educação Física no Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Melhoramentos, 1960, p. 86.

A regeneração física da mulher brasileira é certamente o meio mais lógico, mais seguro e mais direto de obter-se de futuro uma geração sadia e robusta, em substituição a esta de hoje, que, em geral, se anquilosa em atitudes escolióticas e enfezadas, estiolando-se nos rebentos de uma prole que surge muitas vèzes sôbre as ruínas da saúde das mães, quando não seja sôbre o sacrifício de sua própria vida...³¹

As palavras de Fernando de Azevedo demonstram sua crença na Educação Física como fator eugênico que deveria cobrir um domínio amplo de “aptidões”, atuando sobre o físico e a moral do praticante. Para o autor paulista, tratava-se de melhorar a mulher-matriz para que seus frutos fossem saudáveis na mesma medida em que o esporte deveria atuar entesando não só os músculos mas também o caráter.

Sob a égide dessas preocupações (físicas e morais), em meio a outros temas, a Educação Física figurou no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no ano de 1929. Nos Anais do Congresso, foi publicada uma proposta de racionalização e cientificização da ginástica, encaminhada pelo médico Jorge de Moraes. Nesta, “pelo bem da saúde e do desenvolvimento da raça”, o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia “appella para a classe médica afim de aprofundar a cultura nacional no que diz respeito às bases e orientações científicas da Educação Physica a começar pela escolha do methodo apropriado aos brasileiros e ao seu clima.”

Ou seja, a educação física deveria figurar como uma das preocupações centrais do Governo Brasileiro nesta cruzada pela busca da raça do futuro. Moraes pontua as medidas que os congressistas exigem do Governo Brasileiro, em torno de quatro ações fundamentais: 1) a organização de Escolas Superiores de Educação Física; 2) a instituição de um Conselho Superior de Educação Física Nacional; 3) estabelecimento de uma efetiva fiscalização em instituições de ensino, associações desportivas e centros de cultura física e 4) promova o preparo de Ginásios e campos apropriados para à “gymnastica analytica”. Ou seja, a busca dos congressistas interessados na educação física era dar bases científicas, uso palavras suas, ao cuidado do corpo, que se inscreve nos cuidados com a saúde, visando sempre a hereditariedade.³²

V

Nesta operação está, sub-repticiamente, assinalada uma nova estética, civilizacional e, necessariamente, corporal. Como a grande maioria dos estudos sobre o Brasil de fins do século XIX, passam a se afirmar dois novos atores sociais nos meios cultos brasileiros: o intelectual boêmio, ao sabor dos poetas românticos, byronianos, noturnos, cultuadores das bebidas espirituosas e do espírito trágico e melancólico; o outro, o intelectual *bacharelesco*, com seu apego bizantino aos livros e às belas frases de efeito, como tão saborosamente ironizou

³¹ Ibidem, p. 86.

³² MORAES, Jorge de. “Da educação physica como factor eugenico. Sua orientação no Brasil”. In: *1º Congresso Brasileiro de Eugenia*. Actas e trabalhos. Rio de Janeiro: 1929, p. 309.

Machado de Assis no conto *A Teoria do Medalhão*.³³ De um só golpe, Neiva ataca o culto à *décadance*, próprio à boemia romântica, com seus jovens de aparência doentia e ao bacharelismo, característica marcante entre os homens de letras dos séculos XIX e das primeiras décadas do século XX. Segundo Neiva:

O ensino de gymnastica sueca é obrigatorio nas escolas de vários estados, o que representa progresso, porquanto uma das reformas do ensino secundário e superior que alcançaram os estudantes do meu tempo, extinguiu o ensino de gymnastica do Collegio Pedro II e dos equiparados do paiz inteiro, mas para compensar instituiu que, ao tomar ao grau, o jovem medico fizesse o compromisso em latim; a nova reforma não deixou tambem de legislar sobre materia ainda mais importante para o destino da patria e humanidade, qual a referente á forma e pedra do anel medico, quando destinado ao esculapio comum, descrevendo minuciosamente o feitio do anelão chuveiro, que seria enfiado no annular dos lentes cathedráticos.³⁴

Para Artur Neiva, era chegada a hora de romper com essa tradição bacharelesca, pensando o intelectual e o homem brasileiro em novos termos. Espírito prático e corpo saudável formariam a nova estética corporal do homem brasileiro. Associa assim na tendência ao bizantinismo e no pouco caso até então dado ao corpo, ao vitalismo por ele proposto na prática esportiva dois motivos da pasmeira dos brasileiros. Idealiza um novo tipo de intelectual, assim como um povo novo que deve habitar o Brasil. Propõe que se deixe para trás o intelectual com “Cerebro de Hugo em corpo de Ruy Barbosa”, tipo que deve dar lugar a um pensador com “cerebro de Ruy Barbosa em corpo de Sandow”³⁵

Depositava no fator eugênico imanente, ao seu ver, à prática esportiva, o caminho para alcançar-se uma “raça nova”. A estética corporal e o culto à saúde perfeita, como bem demonstrou Lucien Sfez, tem suas origens no debate eugenico, situado na passagem do século XIX ao século XX.³⁶ Arthur Neiva, é mister frisar, não era uma voz destoante no contexto intelectual. Renato Kehl, um dos mais influentes eugenistas brasileiros, de atuação marcante ao longo das décadas de 1910 à 1930, em várias de suas obras sistematizou suas posições sobre o binômio beleza – fealdade³⁷, como nesta passagem, em que afirma que *a eugenia é a religião nova que dirige os destinos da raça humana de modo a torna-la mais bella, moralizadora, mais intelligente*.³⁸

³³ Busquei analisar este conto de Machado de Assis, *vis-à-vis* à noção de cordialidade como ela aparece nas análises de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Cf. SILVEIRA, Éder. “Notas sobre Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda a Teoria do Medalhão, de Machado de Assis”. *Revista Ágora*, v6 nº2 – jul./dez. 2000. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

³⁴ DL, p. 74-5.

³⁵ DL, p. 90.

³⁶ SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita*. Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 1995.

³⁷ Além de várias considerações sobre o tema, que aparecem ao longo de toda sua obra, Renato Kehl chegou a escrever uma obra versando sistematicamente sobre esse binômio, o do belo e do feio. Ver: KEHL, Renato. *A Cura da Fealdade*. São Paulo: Monteiro Lobato & Comp., 1923.

³⁸ KEHL, Renato. *Eugenia e Medicina Social*. Problemas da Vida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1923, p. 35.

A “sciencia de Galton” era a alternativa salvacionista encontrada pelas gerações de homens de ciência surgidos na década de 1910 para salvar o Brasil de seu propalado “atraso civilizacional”; para, aos olhos destes intelectuais, curar seu povo da doença, da feiúra, da loucura, do crime e da imoralidade. Secularizou-se a moral judaico cristã, transformando a fé na transcendência em fé na ciência, na fé na Eugenia, a “religião do futuro”.³⁹

Artur Neiva acreditava que o dia da redenção não tardaria. Regozijava-se pelas conquistas obtidas em prol da vulgarização da cultura esportiva no Brasil, afirmando:

Quando vejo essa rapaziada de hoje, forte e sacudida, tendo ironias para os alfenins anemiados, os almofadinhas, da sua giria, ponho-me a imaginar nos bellos typos da raça nova que em futuro não remoto ha de habitar esse paiz. Não alcançarei mais, no entanto sinto pelos precusores, em numero crescente, acorrendo de todos os lados, que a feição de pateo de hospital onde os convalescentes passeiam e que era minha impressão da gente do Rio de outrora, irá desaparecer, definitivamente: o esporte influirá mais do que tudo, para essa transformação.⁴⁰

Esta crença na “raça nova”, que bem poderia ser traduzida por raça purificada, na esteira do ideal *arianizante* de um Oliveira Vianna, seu contemporâneo, como busquei demonstrar, estava difundida entre vários intelectuais salvacionistas, ligados ao movimento higienista, eugenista, às ligas de Higiene Mental, enfim, aos mais variados setores de intervenção intelectual/social. Divergiam em muito entre si, o que poderia, caso a intenção fosse essa, demonstrado exaustivamente. Todavia, algo os unia: um projeto; o ideal de construção de uma identidade nacional que só poderia brotar de um povo novo, cuja constituição era o compromisso por eles assumido como cientistas.⁴¹

VI

É mister realçar, todavia, algumas nuances desse contexto intelectual que podem fugir ante um olhar algo apressado que vise construir uma generalização sobre a época. O período que objetivei analisar, fundamentalmente em relação ao olhar higienico/eugenico sobre a prática esportiva e a introdução de um ideal arianista de estética corporal, explicitado na defesa feita por Artur Neiva do esporte como fator de regeneração racial, ou seja, como fator eugenico, comportava também vozes dissonantes. Formava um processo dialógico, cuja análise demonstra a inexistência de síntese, mas sim a existência de elementos

³⁹ Para Renato Kehl, a Eugenia constitui “a verdadeira religião do futuro, a sciencia da felicidade, porque se esforça pela elevação moral e physica do homem, afim de dotal-o de qualidades optimas, de fornecer-lhe elementos de paz na família, na sociedade e na humanidade.” KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*, 1929, p. 6.

⁴⁰ DL, p. 74-5.

⁴¹ Posições as mais díspares podem ser encontradas ao longo das obras de Renato Kehl, Octavio Domingues, Oliveira Vianna, Belizário Penna, Juliano Moreira, Arthur Neiva, entre muitos outros. Ainda que diverjam no método de atuação, convergem em suas preocupações e em seu projeto.

em contraposição e contato. *A dialógica*, como enfatiza Edgar Morin, *permite assumir racionalmente a associação de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo.*⁴²

Isso possibilita a reflexão sobre a identidade nacional, profundamente reinventada a partir dos anos 20, como um momento em que idéias diversas, oriundas de posições diferentes dentro deste campo de idéias, não necessariamente em disputa, tornavam esse contexto polifônico, requerendo um olhar aberto a essas nuances.

Um exemplo interessante dessa multiplicidade de vozes é uma passagem recolhida no romance *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Nela, Oswald de Andrade oferece uma resposta irônica às mitificações do culto ao ideal *mens sana in corpore sano*. Ao descrever as atividades desportivas e intelectuais do Grêmio Recreativo Pingue-Pongue através das efusivas palavras de um orador entusiasta da construção de uma nacionalidade fundada no cânone literário e nos corpos viris põe a nú um traço destoante de sua época. Em suas palavras:

Porque aqui, meus senhores e senhoras, revelando uma cultura pouco vulgar, em juventudes desta idade, as sócias e sócios não cogitam tão-somente os adornos que eletrizam os do respectivo sexo oposto. Não! Praticam os desportos! Seguindo a lição da Grécia, realizam o eterno anexim *Mens Sana in Corpore Sano*. Aqui não se lêem romances de baixa palude literária nem os versos futuristas! Só se lê Rui Barbosa. Não! Aqui formam-se dignos filhos e filhas do grande ser que Olavo Bilac chamou na frase cinzelada e lapidar: 'Astuta e forte, a grande mãe das raças, Eva!'⁴³

Insera na situação, todavia, o elemento do inesperado e do incontrolável. Um apagão que se estende por alguns minutos põe a prova as convicções dos jovens. A contingência e a moral ilibada deveriam ser mantidos mesmo sem que fosse possível a inspeção do diretor do Grêmio Recreativo. Busca demonstrar que não compreendia os risinhos cúmplices dos jovens ali presentes, ele enfatiza novamente suas convicções, afirmando:

Visto isso, só tenho a inserir na ata do Recreio Pingue-Pongue um verdadeiro hino congratulatório aos moços que, como verdadeiros São Luíses, se mantiveram em hora tão perigosa na postura que os levará mais tarde como maridos aos fulgurantes páramos da ventura conjugal.

Bendita terra que possui tais efebos! Pátria, latejo em ti! (Sorrisos e palmas.)⁴⁴

A multiplicidade de vozes oriundas de campos os mais diversos, de forma bastante fragmentada, vozes que nos estimulam a girar continuamente o caleidoscópio das possibilidades de interpretação, buscando formar novas

⁴² MORIN, Edgar. "Da necessidade de um pensamento complexo." In: SILVA, Juremir Machado da. *Para Navegar no Século XXI*. Porto Alegre: Sulina, 1999, p. 19-42.

⁴³ ANDRADE, Oswald. *Memórias Sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 13ª ed., 1990, p. 104.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 105.

imagens, nascidas de (re)combinações que ligam aquilo que pode parecer solto, desconexo, são o desafio que, entre outras possibilidades epistemológicas, o pensamento complexo impõe.

Mais do que a busca da construção de um modelo de homem, idealizado sob moldes científicos, o contexto de idéias da Primeira República nos coloca diante de uma orgia de sentidos, projetos, direções e opções de intervenção intelectual e política, em um movimento crítico, inclusive, sobre o papel do intelectual brasileiro.